

ilustrada

MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br

LONGA JORNADA

O Brasil ainda precisa aplicar cerca de 204 milhões de doses de vacinas contra a Covid-19 para atingir a desejável cobertura de 90% da população acima de 18 anos — uma meta segura para controlar a epidemia da Covid-19.

JORNADA 2 Apesar do novo calendário acelerado de vacinação, na velocidade atual a cobertura vacinal completa desta população pode ser alcançada apenas em meados de 2022.

JORNADA 3 Os dados e as conclusões são de um estudo feito por professores da USP da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) com base no banco de dados oficial do Ministério da Saúde.

ALVO O país tem hoje 160 milhões de cidadãos brasileiros com mais de 18 anos e que são elegíveis para a vacinação.

ALVO 2 O caminho para se chegar ao percentual seguro de 90% de imunizados (ou 144 milhões de pessoas) ainda é longo: até a quinta (17), 60 milhões, ou 37,5% da população adulta, já tinham recebido pelo menos a primeira dose da vacina.

ALVO 3 Destes, apenas 24 milhões, ou 14,9% da população adulta, receberam também a segunda dose.

ALVO 4 No país há hoje, portanto, 62,5% de brasileiros, ou 100 milhões de pessoas, que ainda não receberam nem sequer uma dose do imunizante. E 85,1% que ainda não tomaram a segunda dose e por isso não estão completamente imunizados.

AGULHA Os professores calculam que, para que a imunização coletiva seja atingida ainda neste ano, será necessário aplicar mais de um milhão de doses diárias de vacinas até dezembro.

AGULHA 2 A meta é considerada factível por eles, "considerando o histórico de sucessos de campanhas de vacinação do SUS". Mas não será alcançada "se mantidas as médias abaixo de 700 mil doses diárias que vêm sendo observadas", diz o professor Guilherme Loureiro Werneck, da UERJ, um dos coordenadores do trabalho, que é assinado também por Lígia Bahia e Jéssica Pronestino de Lima Moreira, da UFRJ, e Márcio Scheffer, da USP.

MARTELO O Supremo Tribunal Federal deliberou sobre um número recorde de processos em 2020. O plenário julgou 125 temas de repercussão geral, cinco vezes mais do que 2019. Desde 2006, a corte reduziu o estoque de processos pendentes de 150 mil para 26 mil.

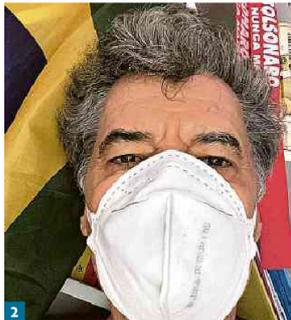
TOGA Os dados são do Antuário da Justiça Brasil, que será lançado em 29 de junho. A ocasião será marcada por debate sobre Justiça e democracia com a presença do ministro Gilmar Mendes, do STF, do procurador-geral da República, Augusto Aras, e do presidente da OAB, Felipe Santa Cruz.

DEU RUIM A declaração de Jair Bolsonaro de que o governo estaria preparando um parecer para eliminar a obrigatoriedade das máscaras foi reprovada por 95% das postagens feitas na semana passada. A análise é da agência .MAP

QUARENTENA



@davidbrasil no Instagram



@paulobetti no Instagram



@katehudson no Instagram

O promotor David Brazil

compartilhou foto sendo vacinado. O ator Paulo Betti postou selfie incentivando a ida às manifestações deste sábado (19). "Leve sua bandeira do Brasil. Vamos recuperar este símbolo", escreveu. Atriz Kate Hudson posou na praia

CHAMADA Representantes de escolas particulares de SP comemoraram o anúncio do governo paulista de que esses estabelecimentos poderão ampliar o atendimento presencial de alunos em agosto. "As crianças do Brasil são as mais prejudicadas do mundo com um ano e meio sem aula", diz Benjamin Ribeiro da Silva, presidente do Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino do Estado de São Paulo.

PRESENTE "Estávamos ansiosamente esperando essa decisão", diz o presidente da Associação Brasileira de Escolas Particulares, Arthur Fonseca Filho. "A lógica de 35% [de capacidade máxima] independentemente dos tamanhos das escolas não tem sentido."

BRAÇO Já o Sindicato dos Professores do Ensino Oficial de SP acha a decisão preocupante e afirma que em agosto a imunização dos profissionais da educação não estará completa.

CELEBRAÇÃO O multi-instrumentista Hermeto Pascoal completará 85 anos na terça (22), quando será homenageado com a estreia da série "Hermeto 85 — Vida em Sinfonia", da Rádio Cultura Brasil. A produção será dividida em quatro episódios e vai ao ar às 17h.

BATUTA A Orquestra Petrobras Sinfônica fará concerto dedicado à obra da banda de rock Guns N' Roses na sexta (25), com transmissão pelo canal do YouTube da orquestra, às 21h.

Um teto todo seu

Continua da pág. C1

Foi contra esse desaparecimento que Johanna Stein resolveu abrir uma livraria só com obras de mulheres.

Ela conta que a Gato sem Rabo, aberta no mês passado em São Paulo, nasceu de uma dificuldade enfrentada por ela em encontrar referências bibliográficas de pensadoras mulheres quando fazia sua pesquisa de conclusão da faculdade de artes.

Sem experiência no mercado editorial, ela diz ter percebido que um espaço como o de uma livraria que também promove debates e palestras poderia jogar luz sobre autoras que não vinham recebendo a devida atenção.

"Eu entrava em livrarias, ia na seção de clássicos, e só tinha homens. É importante desmistificar essa ideia de que o homem é a voz neutra, porque não é", diz Stein. Com os holofotes voltados principalmente para escritoras do chamado sul global — países pobres, em desenvolvimento e áreas e grupos menos privilegiados dentro dos países ricos —, a livraria, nos primeiros quatro dias de abertura, vendeu quase metade de seu estoque, segundo a proprietária.

Na opinião de Débora Gil Pantalão, a iniciativa paulistana é interessante, mas distante de sua utopia. "Sonho que isso não seja necessário, que não houvesse seções para autores mulheres ou negros, já que não temos uma seção para literatura de autoria branca. Você não chega numa livraria e procura a seção de escritores brancos, mas porque ela é toda a livraria."

Segundo Dalcastagnè, a Gato sem Rabo faz parte de uma luta política. "Uma vez que não temos presença, não somos expostos nas grandes livrarias, é um gesto que pode ter alguma repercussão. É uma resposta a uma invisibilização de muito tempo e uma experiência para ser avaliada com o passar do tempo."

A guetificação que poderia surgir de uma livraria como essa já está posta, pois já existe na sociedade a ideia de que livros de mulheres só interessam a mulheres, diz

Dalcastagnè. "Já que estão dizendo que é assim, vamos ver o que acontece quando as obras são expostas."

Na visão de Maria do Rosário Pereira, ao mesmo tempo que iniciativas como a de Stein dão visibilidade às mulheres, há o problema do rótulo, que aponta uma diminuição das obras. "Textos e reportagens frisando que é uma mulher a fazer tal ou tal coisa fazem parecer que é um feito sobrenatural. Nossa! Uma mulher abriu uma livraria." Ainda assim, ela diz que, por enquanto, é necessário frisar tais realizações, para mostrar o que nunca tem visibilidade e para que novas gerações possam naturalizar essas posições.

Na fachada da Gato sem Rabo não está escrito que a loja tem só escritoras, muito menos que o acesso seja restrito a clientes mulheres. Stein diz que o público, formado em grande parte por moradores e frequentadores da região central da cidade, tem sido composto também por homens desacompanhados. "Talvez sejam pegos desavisados."

Em 'As Inseparáveis', Simone de Beauvoir leva teorias para ficção

Livro inspirado em relação com melhor amiga ilustra bem a opressão feminina que descreveu em 'O Segundo Sexo'

LIVROS

As Inseparáveis

★★★★

Autora: Simone de Beauvoir.
Trad.: Ivone Benedetti. Ed.: Record.
R\$ 39,90 (399 págs.)

Thana de Souza

O romance "As Inseparáveis", de Simone de Beauvoir, escrito em 1954, acaba de chegar ao público brasileiro pela editora Record, pouco depois de ser publicado na França. A edição traz, além do texto, várias fotografias da autora e de sua amiga Zaza.

O livro conta a história de duas amigas, "as inseparáveis", como eram chamadas na escola católica em que se conheceram, aos nove anos, na Paris do início do século 20. O melhor, é a história de André, contada por Sylvie, personagem baseada na própria Beauvoir. Se conhecemos um pouco da vida de Sylvie, é sempre em relação à amiga, que ocupa o papel central da narrativa.

Beauvoir não quis publicar "As Inseparáveis" em vida, porque considerava que o livro não fazia jus a Zaza, inspiração por trás da personagem André. A escrita do romance se tornou ao mesmo tempo necessária e impossível diante da morte brusca da amiga, aos 21 anos. Foi um livro difícil para a autora escrever.

Em grau menor, também teve dificuldades para escrever esta resenha. Como uma pesquisadora da filosofia, associei os personagens às pessoas reais que os inspiraram — Zaza, Beauvoir, e também o filósofo Merleau-Ponty.

Tentando me pôr no lugar de quem lerá o livro sem o associar a essas pessoas, começo por dizer que a autora não faz rodeios com a linguagem. O amor entre duas amigas — não esperem cenas de sexo; o amor é intenso e platônico —, a relação entre mães e filhas e a ligação com Deus aparecem como centrais e são abordados de modo simples. O trágico não precisa de palavras eruditas e frases confusas.

Nada muda nos dois capítulos, no sentido de que os temas são os mesmos. São as personagens que se modificam. No primeiro, Sylvie admira a liberdade de André, que, criança, não se intimidava diante das professoras católicas. No segundo, Sylvie passa a ver como prisão o que antes achava ser liberdade.

Enquanto Sylvie se liberta das amarras sociais (chega a dizer que agradecia à guerra por ter criado problemas financeiros à sua família, dando a ela a necessidade de ter uma profissão), André se aprofunda no dilema entre se quer livre e obedecer à sua mãe e a Deus. Se as amigas continuam inseparáveis, percorrem caminhos opostos.

André é uma menina corajosa, minada por uma sociedade tradicional e religiosa, que a força a não prosseguir seus estudos, porque seu destino é o casamento. Ela se torna uma adolescente que se culpa e se castiga, por desejar o que não é destinado a ela, que tentava viver de forma casta o que é proibido (uma relação amorosa com Pascal), sem compreender, mas

desculpando, as exigências feitas por sua mãe.

Beauvoir descreve muito bem, no segundo volume de "O Segundo Sexo", publicada cinco anos antes da escrita de "As Inseparáveis", como uma menina é educada para se contentar com um destino que a impede de se pôr como sujeito.

E isso não ocorre só porque é uma filósofa preocupada com questões concretas, mas também porque viveu, em partes, esse destino, e por que sua melhor amiga morreu de encefalite e por causa dos dilaceramentos causados pela sociedade às mulheres.

O livro teórico discute "a situação das mulheres". Já o romance descreve momentos da vida da jovem que leva ao extremo o conflito entre sua subjetividade e uma sociedade que a tenta aniquilar. Mas as duas esferas se comunicam, e a formal literária singulariza o que também pode ser observado nas estruturas reais.

Beauvoir tem êxito em homenagear sua melhor amiga, que amou e que viu, de forma repentina, morrer. A autora escreve um belo, curto e íntimo romance, que até pode parecer arcaico para as novas gerações, por causa da ingenuidade das adolescentes francesas do início do século 20.

Mas receio que, infelizmente, para a maioria das mulheres, ainda não seja. E mesmo que o temor a Deus e à família não sejam pautas tão atuais, a amizade que persiste diante dos problemas da vida continua a ser. Ou, ao menos, deveria continuar a ser.

Clube de Leitura Folha discute romances sobre mães

SÃO PAULO O Clube de Leitura Folha de junho discute dois livros, "O Impulso" (Paralela), da canadense Ashley Audrain, e "Morra, Amor" (Instante), da argentina Ariana Harwicz.

O encontro acontece virtualmente no dia 29 de junho, a partir das 19h. A convidada desta edição é a editora e livreira Maria Emilia Bender.

Romance de Audrain é sua estreia na ficção e conta a história de Blythe, uma aspirante a escritora que tenta redigir seu primeiro livro após o nascimento de sua primeira filha.

"Morra, Amor" também é o livro de estreia de Harwicz. Ali, a protagonista sem nome ama o filho, tem nojo do marido e não consegue lidar

com as tarefas domésticas.

A cada seis meses, o clube se dedica a duas obras simultaneamente. O encontro acontece via Zoom e para participar basta acessar a reunião de número 889 2377 1003. "A Princesa de Cléves", romance francês do século 17, de Madame de La Fayette, será o centro do debate de julho.